

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

A ANTA DA HERDADE DO DUQUE.

PINA, Henrique Leonor de

Ano: 1961 | Número: 71

Como citar este documento:

PINA, Henrique Leonor de, A Anta da Herdade do Duque. *Revista de Guimarães*, 71 (1-2) Jan.-Jun. 1961, p. 13-26.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

A Anta da Herdade do Duque

Por HENRIQUE LEONOR PINA

Situação

A estrada levemente ondulada que leva de Reguengos a Monsaraz corta, entre os 8.000 e 9.000 metros contados da sede do concelho, uma pequena elevação de suave declive, que sobe, para a esquerda (N), até um cabeço esparsamente semeado de afloramentos graníticos e, para a direita (S), desce ao leito de um pequeno ribeiro, no sopé de uns arrifes também graníticos, de blocos acastelados.

Ao quil. 8,400, para a esquerda da estrada, a uns 150 m. na direcção Norte, vê-se a Anta da Herdade do Duque, aninhada a pouco mais de meia encosta (Vide *Planta e Figs. 1, 2*). A colina tumular da anta, de limites imprecisos e hoje quase inteiramente desfeita pela erosão e pela lavoura, constitui agora um vago degrau a alterar a continuidade da vertente, de modo que a anta parece, a quem se avizinha, ter sido construída propositadamente ao abrigo desse degrau disposto a Sul, como que para poder gozar o calor e a luz do sol.

A anta fica situada na freguesia de São Pedro do Corval, no concelho de Reguengos de Monsaraz, numa propriedade do Snr. Miguel Godinho, outrora pertencente à Casa de Bragança e por isso conhecida com o nome de Herdade do Duque.

Arquitectura e orientação

É citada por Georg e Vera Leisner (1) como «restos de um dólmen de corredor», cujo comprimento, na altura da sua investigação, seria 3,80 m. Estes investigadores alemães, porém, observaram-na tal como a vie-

(1) G. e V. Leisner, *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*, Lisboa, 1951, pág. 211.

mos encontrar e não procederam a nenhuma pesquisa por a julgarem inútil. Depois de escavada e de encontrados mais alguns esteios do corredor (vide Planta e Cortes do monumento), o comprimento da anta apareceu com 5 m. contados da parte mais saliente da câmara (esteio *g*) até ao último esteio encontrado no corredor (esteio *j*).

A câmara, poligonal, constituída por 7 esteios de granito, todos «in situ», mas em estados de conservação e posições diferentes, apresentava, ao nível do solo não remexido, um diâmetro longitudinal de 2,60 m. e um diâmetro transversal de 2,75 m. Tinha, portanto, se contarmos o vão do corredor, a forma de um octógono, aproximadamente inscritível num círculo, embora não perfeitamente regular. Com efeito, a cabeceira (esteio *a*) e os esteios de sul (*e*, *f* e *g*) ocupavam, ao nível do solo, maior extensão do que os do lado norte. Isso fazia com que a cabeceira não fosse perfeitamente paralela ao vão do corredor, ou, por outra, fosse oblíqua em relação ao eixo da anta.

Dissemos que os esteios se encontravam em estados de conservação e posições diferentes. Com efeito, a cabeceira, ou esteio *a*, parecia estar completa e na sua posição original: era o mais alto dos esteios, na posição em que se encontravam. O esteio *b*, quebrado obliquamente ao plano do solo, estava também na sua posição primitiva (um grande fragmento encontrado depois, na escavação da câmara, na base deste esteio e com a superfície já muito corroída, poderia ser um bocado do que lhe faltava). O esteio *c*, firme ainda na base, não deslocado, tinha também a extremidade superior quebrada (um grande fragmento, que jazia fora da câmara, poderia pertencer-lhe). O esteio *d*, cuja extremidade quebrara para o interior, fortemente inclinado para o esteio *e* (aliás também inclinado e quebrado para o interior) poderia sugerir um deslocamento; mas a inclinação dos esteios aumenta da cabeceira para os da entrada da câmara, tal como precisamente o esteio *d* de uma anta do mesmo concelho — a Anta Grande do Olival da Pega, tão inclinado para dentro, «que parece, à primeira vista, estar prestes a cair, mas vê-se que essa é a sua colocação primitiva, por se conservar ainda «in situ» uma pedra de contra-

forte muito afundada» (1). Foi exactamente o que verificamos acontecer com os esteios *d* e *e* desta anta, ambos bem firmes em pedras de contraforte, apesar do seu aspecto instável. Deve ser este esteio *d*, com efeito o mais inclinado, e, antes da escavação, quase deitado sobre o solo, um dos que os esposos Leisner citam (2) como «caídos para dentro». O único, na realidade, caído era o esteio *f*, inteiro, longo, adelgaçando para as extremidades. Esse estava caído para o interior da câmara, onde se encontravam, também à superfície, fragmentos amontoados que provinham dos outros esteios. O esteio *g*, finalmente, bem implantado no solo, parecia ter sido cortado intencionalmente, dado que se encontraram sinais de cunhas que nesta região são usadas para quebrar blocos de granito.

A câmara estava obstruída quer pelo esteio *f* e pelos grandes fragmentos dos outros esteios, quer ainda por muitas pedras provávelmente retiradas do campo lavrado em volta da anta. Sobre eles abatera-se o grande bloco do chapéu da anta, «in situ», mas inclinado para Nordeste. O chapéu, possivelmente inteiro ou levemente quebrado nos bordos, tinha uma superfície menor que a da câmara, suficiente, porém, para cobrir ou se apoiar nas extremidades de todos os esteios, mais ou menos inclinados para dentro, o que permite imaginar a arquitectura primitiva da câmara como um tronco de pirâmide octogonal. Junto do esteio mais alto a sua altura interior era de 1 m., antes da escavação, e talvez de 1,5 m, exteriormente.

Do corredor, orientado para Este, 10º Sul, apenas um pequeno esteio (*h*), conservado «in situ», aflorava à superfície do solo. Na colina tumular, a distâncias variadas, encontravam-se vários fragmentos, alguns suficientemente grandes para poderem ter servido como lajes de cobertura do corredor ou do vão de entrada da câmara.

Não tendo podido fazer sondagens completas, e muito menos a escavação do «*tumulus*», talvez reduzido só à base, não nos foi possível determinar-lhe os limites prováveis com segurança e procurar aí os vestígios que, infelizmente, tivemos de desprezar.

(1) G. e V. Leisner, *op. cit.* pág. 30.

(2) G. e V. Leisner, *idem*, pág. 211.

Escavação

A escavação da câmara, obstruída como já fizemos notar, e sobre a qual impendia o chapéu deslocado da sua posição inicial, apoiado agora apenas em dois esteios e nos fragmentos, era praticamente impossível e muito perigosa, dado que se tornava necessário remover os blocos do interior, se quiséssemos manter o chapéu sempre na mesma posição. O nosso primeiro trabalho foi conseguir o levantamento da pesada laje e a sua deslocação segura, o que foi feito sobre os esteios *a*, *b* e *c*, ficando, portanto inclinada para Noroeste, tal como se apresenta agora.

Desobstruída a câmara (puxado para fora o esteio *f* e deitado junto do esteio *e*, por ser perigoso mantê-lo na posição vertical), procedemos a um corte transversal (no sentido C-D da Planta) com 60 cm. de largura, entre os esteios *c* e *f* (aproveitando o vão deixado pelo deslocamento deste esteio para escoamento dos materiais removidos) em procura de uma provável estratigrafia.

Tudo indicava, e a escavação o confirmou, que a anta já tinha sido aberta e remexida, não sendo impossível que a sua ruína fosse, em parte, devida às pesquisas de que ela talvez tenha sido objecto no fim do século passado (1). O solo estava muito revolvido e apenas a obstrução deve ter impedido mais violações. A estratigrafia não existia ou não era patente. Em todo o caso, considerei três níveis ou estratos: o 1.º, de terra vegetal, com uma espessura média de 25 cm.; o 2.º, de barro castanho-amarelado, dos 25 aos 80 cm.; e o 3.º, além dos 80 cm., constituído por uma piçarra amarelo-avermelhada, até o que nos pareceu solo virgem, da mesma cor.

Procedemos à escavação por decapagem de cada um dos níveis, primeiro para o lado da cabeceira (o de menor superfície), e depois para o lado do corredor. A pesquisa dos materiais retirados foi feita com um peneiro de 4 mm., mas a sua natureza e o estado de humidade (tinha chovido uns dias antes e o tempo não estava totalmente desanuviado) dificultaram por vezes o esmiuçamento.

(1) J. L. de V., «Notícias várias. 1. Antas do termo de Monsaraz (Alentejo)», *O Archeologo Português*, Lisboa, 1895, vol. I, pág. 222 e 279.

O 1.º estrato nada revelou no corredor, aliás lavrado profundamente em toda a sua extensão. Mas na câmara, quase à superfície, apareceram três fragmentos de cerâmica de formas nitidamente marcadas, pertencentes a dois vasos diferentes, dois dos quais se completavam perfeitamente, embora situados a alguma distância um do outro; o terceiro, achado junto às paredes, no intervalo entre os esteios *a* e *g*, menos conservado, não se harmonizava com os dois primeiros. Um pouco mais profundamente do que este último fragmento, mas sensivelmente no mesmo local, encontrámos uma ponta de cobre, lanceolada, com vestígio de espigão. Dispersos pela câmara foram surgindo muitos fragmentos informes de cerâmica sem decoração e três pequenos sílices trapezoidais.

O 2.º estrato, mais profundo, foi ainda abundante em cerâmica fragmentada e informe, praticamente a toda a altura, e apareceram mais dois micrólitos, a alturas diferentes, mas próximos da superfície deste estrato (talvez a 15 e a 30 cm.). O mais significativo deste nível foi a frequência com que se encontravam fragmentos de cerâmica maiores do que os anteriores e com forma esclarecedora dos vasos a que pertenciam: três grandes bordos de pratos largos, um bom fragmento de um outro vaso (do bordo ao fundo), um fragmento um pouco menor de um vaso esférico, além de outros mais ou menos côncavos (talvez fundos de vasos), de espessuras diferentes e facturas variadas, cujas formas a que pertenciam não nos pareceram reconstituíveis. É de notar que todos estes achados de cerâmica de maiores dimensões ocorreram junto das paredes dos esteios, às vezes muito profundamente enterrados para o bordo da câmara, ao abrigo da inclinação das paredes (que certamente os protegeu), e todos eles junto da cabeceira ou dos esteios de Norte (*c* e *d*). Até aqui, nenhum vestígio de pedra polida ou de ardósia, nem de ossos que aliás nunca encontramos.

O 3.º estrato que escavámos até onde a dureza, a consistência e a cor nos pareceram indicar solo virgem, apresentou o espólio de pedra polida ou de xisto que nesta anta recolhemos. Continuaram a surgir fragmentos informes de cerâmica, mas com muito menos frequência e sempre desprezíveis. Do lado esquerdo do eixo da anta (para Norte) um fragmento de esteio, já bastante

erodido e de superfície friável, mas bastante grande, ocultava, quase imediatamente, uma peça de xisto encurvada e decorada, e nada mais revelou, a não ser, já fora da câmara e do corredor, no ângulo dos esteios *d* e *i*, uma lâmina de sílex, a única que encontramos. Todo o restante espólio se achava para a direita do eixo: uma placa de xisto decorada, sem orifício, (oculta e quebrada pela raiz de um pequeno espinheiro que aí nascera), uma goiva e um alvião, mais ou menos profundamente encravados junto dos fundamentos do esteio *g*; uma enxó e um machado, nas mesmas condições, junto do esteio *e*; mais uma placa de xisto gravada, com orifício, já no corredor, entre os esteios *b* e *i*, levemente à direita do eixo da anta, e, finalmente, um machado muito erodido junto das pequenas pedras que marcavam o corredor em frente do esteio *j*. Apareceu também neste nível, quando da abertura da trincheira de sondagem um seixo de forma especial, com vestígios de utilização. Há que notar, finalmente, por importante, o achado dos dois esteios (*i* e *j*) do corredor, caídos para o interior, e das pedras, talvez de contraforte, que permitiram a reconstituição do corredor até ao limite que lhe assinalamos para além do esteio *b*. Não estavam cravadas fortemente no solo, aprumámo-las para efectuarmos a escavação e mantivemo-las no corte que desenhámos (A-B) precisamente para assinalarem a extensão do corredor.

Descrição do espólio (1)

A lista e descrição das peças do espólio é a seguinte:

I — PEÇAS DE PEDRA

a) *Pedra polida*

1.—Machado de xisto cinzento-azulado, de superfície granulosa, mais polido numa das faces e perfeitamente polido no gume; falhas naturais na superfície e no gume, topo arredondado com ves-

(1) O espólio foi entregue na Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz, com destino ao pequeno Museu da vila de Monsaraz.

tígios de percussão; gume assimétrico quando visto de face e sensivelmente simétrico de perfil; secção ($5 \times 3,2$ cm.) logo acima da chanfradura do gume; larguras: 5,5 cm. no gume e 4 cm. no topo; comprimento: 12 cm.; peso, 370 gr.

2. — Machado de xisto cinzento escuro, muito erodido numa das faces (erosão diferencial), com fortes veios naturais; vestígios de maior polimento no gume (também atingido pela erosão), que é simétrico de face e de perfil; topo assimétrico e bicudo; secção oval (interrompida pela erosão, 5×2 cm., actualmente); larguras: 5,2 cm. junto do gume e 3,5 cm. no topo; comprimento 13 cm.; peso 165 gr.

3. — Enxó de xisto cinzento-esverdeado claro, de superfície total e cuidadosamente polida, com excepção de pequenas concavidades e falhas naturais; gume levemente arqueado mas simétrico quando visto de face e assimétrico de perfil, obtido pela intercepção de um plano de cerca de 45° (que constitui a chanfradura da face inferior), com o arco contínuo, apenas acentuado na base, da face superior; face inferior de perfil em forma de S muito aberto até à chanfradura; perfil adelgaçando do meio para o gume (de 2,1 cm. para 1 cm.) e afilando no topo que, da face inferior, apresenta vestígios de lascagem; bordos desigualmente espessos e arredondados; secção elíptica (5×2 cm.); larguras: máxima, 5,7 cm; no gume, 2,2 cm; no topo 1,5 cm; comprimento: 18 cm.; peso: 305 gr.

4. — Goiva de xisto cinzento-esverdeado claro, (*Fig. 3*), em tudo semelhante ao da enxó, total e cuidadosamente polida com excepção de pequenas concavidades e falhas naturais, lascada obliquamente no topo; gume oblíquo quando visto de face ou de perfil e chanfradura côncava aberta obliquamente ao eixo da peça e escoando-se na face inferior; face superior curva, face inferior mais plana, sobretudo para o topo; bordos espessos, arredondado um, e levemente facetado o outro; espessura máxima, 2,8 cm., a uns 4 cm. do gume, e mínima 2 cm. a 1,5 cm. do topo; secção ovalada, ou quase circular ($3 \times 2,8$ cm.); comprimento: 15,5 cm.; peso: 180 gr.

5. — Alvião de xisto cinzento-escuro (*Fig. 4*), de aspecto granuloso, de faces rugosas e lados imperfeitamente trabalhados, muito falhado um deles; gume cuidadosamente polido, simétrico de face e assimétrico de perfil; face superior contínua e ligeiramente curva, mais acentuadamente para o gume e quase plana para o topo; face inferior côncava, quase paralela à superior; topo adelgaçado e assimétrico de face e mais espesso de perfil; secção trapezoidal: 5 cm. na face inferior, 4 cm. na face superior, 4 cm. de espessura; largura do corpo de 4 a 5 cm.; e no topo 1,8 cm.; comprimento: 25 cm.; peso: 1.100 gr.

b) *Seixo rolado*

Cunha, de seixo de quartzo de cor clara, arredondado num dos topos que apresenta sinais de percussão e uma grande lasca tirada, com uma depressão natural no outro topo que foi lascado simetricamente, de modo a formar gume com a depressão natural; secção sensivelmente circular ($6 \times 5,5$ cm.); comprimento: 11,5 cm.; peso: 595 gr.

c) *Pedra lascada*

1. — Lâmina de sílex (*Fig. 5*), de tom castanho acinzentado e creme, de bordo em partes retocado e noutras apresentando escamas soltas pelo uso; perfil levemente curvo com o bolbo de percussão do lado do bico; secção triangular; largura: 1,9 cm.; espessura: 0,5 cm.; comprimento 10,6 cm.

2. — Fragmentos microlíticos trapezoidais ou grosseiramente triangulares (*Fig. 6*), em número de 5 e de dimensões, espessuras e secções todas diferentes; larguras: entre 1,5 cm. e 0,8 cm.; comprimentos: entre 2 cm. e 1,5 cm.; espessuras entre 0,4 cm. e 0,2 cm.; secções triangulares ou trapezoidais. Um deles pode ser um fragmento de lâmina.

d) *Xisto gravado*

1. — Placa com os contornos completos e um orifício, de xisto quase negro (*Fig. 7*), de lados curvos

e topos rectos, cantos boleados, de forma vagamente trapezoidal, quase rectangular; pouco espessa (0,7 cm. no máximo), adelgaçando para os bordos, muito finos nos cantos; face anterior, decorada, de superfície plana; com um orifício ao alto, aberto por movimento de rotação, e somente desta para a outra face; face posterior, não decorada, levemente arqueada em virtude do desbaste dos bordos; tentativa, nesta face, de encontro do orifício feito a partir de face anterior. Dimensões: 18,4×11 cm.

Decoração: ao alto, um triângulo de vértice para baixo, sobre três faixas horizontais quadriculadas (que o triângulo interrompe), e separado da parte inferior por uma faixa horizontal do mesmo tipo, inteira; os $\frac{2}{3}$ inferiores são decorados com faixas quebradas (em zig-zag), quadriculadas, cujos ângulos apoiam os vértices em três linhas verticais, sensivelmente equidistantes.

2.—Placa sem orifício, de xisto quase negro (*Fig. 8*), de cantos boleados, lados todos levemente arqueados, de forma trapezoidal; pouco espessa (0,7 cm.) e de bordos mais finos (0,3 cm.); face anterior, decorada, de superfície plana; face posterior, não decorada, arqueada. Dimensões: altura, 18,5 cm.; base maior, 12 cm.; topo, 8 cm.

Decoração: na parte superior, um triângulo interrompendo três faixas horizontais quadriculadas, duas das quais, por engano do gravador, não coincidem à direita com as da esquerda, mas com os intervalos de separação, razão por que, de facto, do lado direito há quatro segmentos de faixa, em vez de três; sob o vértice do triângulo, interrompendo-o um pouco, uma faixa inteira horizontal, dupla e espinhada, separando-o da parte inferior; esta, com faixas quebradas, quadriculadas, de vértices apoiados em 3 linhas verticais, sensivelmente paralelas mas não equidistantes.

3.—Báculo de xisto quase negro (*Fig. 9*), de curvatura aproximadamente semi-circular, mais largo na ansa (5,8 cm.) e mais estreito no punho (1,8 cm.), que termina quase em bico boleado. As secções são de faces paralelas, adeleçando para os bordos, principalmente no limite da curvatura (gume), e

no fundo (parte não decorada da face anterior); face anterior decorada na quase totalidade e face posterior não decorada.

Dimensões: comprimento, 20,5 cm.; largura máxima, 11,5 cm.; espessuras: máxima, 0,7 cm.; do gume e do punho 0,25 cm.

Decoração: linhas traçadas segundo os raios da circunferência da ansa e paralelas as 3 últimas do cabo, dividindo a superfície do báculo em secções que são decoradas com «dentes de lobo» quadriculados; punho (o terço inferior) liso.

II—CERÂMICA

1.—Fragmento do bordo de um prato (de fundo quase chato e bordo pouco levantado); barro castanho, polido, de pasta arenosa, relativamente fina (*Fig. 10, n.º 3*).

2.—Fragmento do bordo pouco levantado de um prato; barro preto, talvez polido, de pasta arenosa grosseira (*Fig. 10, n.º 2*).

3.—Fragmento de um prato, com o bordo mais levantado que os anteriores; barro preto, polido, de pasta arenosa grosseira (*Fig. 10, n.º 1*).

4.—Fragmento da parede, desde o bordo ao fundo, de um vaso com rebordo para o exterior; barro negro, de pasta grosseira com muitas pedrinhas, com cor ferruginosa por influência do terreno ou pela pintura a almagre.

5.—Fragmento do bordo de um vaso, provavelmente esférico, com rebordo para dentro; barro castanho avermelhado, de pasta grosseira com pedrinhas; vestígios de uma capa exterior de cor vermelha.

6.—Fragmento abrangendo quase a metade de um pequeno vaso de paredes cilíndricas e finas (*Fig. 11*), de fundo mais grosso e abaulado exteriormente; barro cinzento de pasta fina, muito dura, polida exterior e interiormente; bordos perfeitos e bem cuidados, com uma curva ligeiramente aberta, formando como que um bordo.

7.—Fragmento de um vaso pequeno, de paredes cilíndricas, ainda com um resto indicativo do fundo; barro cinzento de pasta menos fina que a do

anterior e igualmente dura; paredes mais deterioradas mas com vestígios de polimento; bordo corroído.

8.—Vários fragmentos informes de dimensões apreciáveis (talvez fundos de vasos), de barro preto ou castanho recozido, alguns muito grossos (1,5 cm.), outros menos, cujas formas dos vasos a que pertenciam não pudemos deduzir.

III — PEÇA DE METAL

Ponta de cobre, lanceolada (*Fig. 12*), muito patinada de verdete de camada espessa, com um levisimo vestígio de espigão numa das extremidades. Comprimento, 6 cm.; largura máxima, 1,5 cm.; espessura média, 0,2 cm., afinando para a extremidade e adelgçando para o espigão.

Interpretação dos dados obtidos e conclusões

O importante estudo de Georg e Vera Leisner «Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz» é não só o único que trata especificamente das antas deste concelho, como o mais sistemático e minucioso trabalho que conhecemos sobre a cultura megalítica em Portugal. Naturalmente, tivémo-lo sempre presente, ao fazermos o estudo desta anta, a 28.^a que eles assinalam no mapa do concelho. Devemos acrescentar que a Senhora Leisner, com quem conversámos pouco depois de efectuada a escavação, nos declarou não terem, ela e o marido, tentado a escavação desta anta por a julgarem estéril. O fundamento desta impressão deve estar na informação dada pelo artigo que citámos na nota 1 de pág. 4 (e que os Leisner citam a páginas 12 do seu trabalho), no qual Leite de Vasconcelos diz o seguinte: «As duas (*antas*) em que (*Pereira da Nóbrega*) encontrou objectos ficam a uns seis kilometros a NO de Monsaraz, na *Herdade do Duque*, pertencente á casa de Bragança. Numa appareceram restos humanos, — cranios, maxillares, dentes [.....]. Noutra appareceu um martello arredondado, como os que appareceram no castro de Pragança; um machado polido, ainda sem vestígios de ter tido uso; uma pedra, que parece ser o resto de um machado

neolithico». E a páginas 279: «...posteriormente ao reconhecimento das antas da Herdade do Duque, foi achada [.....] uma goiva (que eu vi) de pedra polida na mesma anta em que appareceram os outros objectos de pedra mencionados a pág. 222».

Mas a única anta que se encontra na herdade hoje chamada do Duque e que nós escavámos, podendo ter sido uma das violadas então, não foi certamente a primeira destas referidas, que, pela natureza ácida do solo, de origem granítica, não permitiria a conservação de tão abundantes restos humanos, e ainda porque, apesar de termos peneirado cuidadosamente os materiais provenientes mesmo de zonas não remexidas, não foi encontrada a mais pequena esquirola de osso. Não era impossível que fosse a segunda donde proviriam os machados e a goiva, mas também podia não ser, embora não haja dúvidas de que ela tinha sido violada reemexida. Mas, a seis quilómetros de Monsaraz, poderiam ser também as do Poço da Gateira (n.ºs 29 e 30), essas, na verdade, duas, que então poderiam fazer parte da Herdade do Duque, talvez nessa altura não fragmentada como hoje está. O caso é que tanto a anta n.º 28 como as n.ºs 29 e 30 se encontram a Oeste de Monsaraz e não a Noroeste, embora sensivelmente a 6 quil., em linha recta, enquanto que, realmente, na direcção Noroeste não se assinala nenhuma a essa distância.

Seja como for, a escavação mostrou-se frutuosa e constituiu o segundo contributo, embora modesto, para o estudo das antas do concelho, que bem mereciam ser alvo de mais acurado interesse da parte dos proprietários dos terrenos em que se situam e das autoridades responsáveis. Com efeito, impõe-se o seu estudo sistemático, em continuação dos trabalhos daqueles sábios investigadores alemães; mas, enquanto isso não se faz, haja ao menos um respeitoso, se não cioso cuidado na conservação de monumentos tão importantes para o estudo da Pré-história da região alentejana e do País. Os actos de destruidor vandalismo contra elas exercidos, que vão desde o quebrar dos esteios para utilização grosseira e desnecessária em região de tanto granito, até à sua dinamitação pura e simples, sob vários pretextos, actos que eu verifiquei e muitos que me foram relatados, são inadmissíveis em País tão cioso da sua His-

tória, de cultura milenar como o provam os próprios vestígios megalíticos.

Do ponto de vista arquitectónico esta anta é de câmara em polígono regular, com sete esteios de altura média, de corredor baixo e estreito, constituído por pequenos esteios, cuja altura não excedia os 80 a 90 cm. A colina tumular, muito desfeita, não permitia tirar conclusões seguras quanto às suas dimensões que, se fosse circular, não andariam longe dos 10 m. de diâmetro. É, pois, uma anta de dimensões modestas, semelhante a muitas outras deste concelho e dos arredores de Évora (1) e de Elvas (2). Parece ser, portanto, uma anta de construção eneolítica (3), o que o espólio confirma.

A falta de estratigrafia, aliás característica das antas eneolíticas estudadas desta região (4) não permite conclusões seguras.

A presença da goiva e da enxó, de tradição neolítica, de resto cuidadosamente polidas e sem vestígios de uso, bem como dos micrólitos, não invalidam a hipótese de ser eneolítica a anta, facto que o alvião, de secção trapezoidal, a lâmina retocada, os machados de secção oval, a cerâmica, além das placas e do báculo, confirmam. Com efeito, embora faltassem as pontas de seta, a presença das placas de xisto bastavam para situar a anta no Eneolítico, muito embora a sua forma trapezoidal, o afiamento dos bordos e o encurvamento da sua secção possam ser consideradas sobrevivências do culto do machado e da enxó, um culto de fundo neolítico. O báculo que o Professor Doutor Manuel Heleno considera como a representação do machado encabado (5) é também seguramente eneolítico. O mesmo argumento se pode tirar da cerâmica (6).

Em resumo: esta anta faz parte do numeroso grupo

(1) G. Leisner, «Antas dos Arredores de Évora», em *A Cidade de Évora*, 1948-1949.

(2) Abel Viana, *Contribuição para o estudo da Arqueologia dos arredores de Elvas*, Porto, 1950.

(3) G. e V. Leisner, *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz*, pág. 45.

(4) G. e V. Leisner, *Idem*, pág. 178.

(5) Manuel Heleno, «O culto do machado no calcolítico português», *Ethnos*, vol. III, Lisboa, MCMLII, págs. 461 a 464.

(6) G. e V. Leisner, *Op. cit.*, pág. 99.

ainda existente no concelho de Reguengos de Monsaraz, que, por sua vez deverá integrar-se na extensa mancha de Cultura megalítica que, do Alto Alentejo deve prolongar-se com muitas probabilidades pelo Baixo Alentejo até o Sul da Espanha (1) e daqui ter recebido influência.

O povo megalítico, de acentuada tradição neolítica conservada por milénios, é, na sua fase de construtor de antas do tipo da que estudámos, um povo eneolítico, certamente agricultor, como o mobiliário encontrado e até a natureza dos terrenos onde as antas se dispersam nos sugerem; e aqui permaneceu durante o Bronze I ou talvez mesmo posteriormente. A ponta de cobre, vestígio embora isolado, que vem juntar-se a outra, posto que de feição diferente, encontrada pelos Leisner, (2) fortalece a hipótese da permanência. O aparecimento de cistas, já citadas por aqueles investigadores alemães, a Sul do concelho (em zona sem antas, é verdade), foi-nos referido por mais de uma pessoa da região onde existem antas (3), e é também um reforço para a teoria da continuidade.

A propriedade da designação de povo agricultor, aliada, como tem sido, ao culto da enxó e da goiva, é ainda confirmada pela presença da peça a que chamei alvião que, pela sua forma e pelo seu peso, naturalmente sugere a utilização no amanho da terra, se a escolha dos locais onde se erguem as construções funerárias, certamente não longe dos seus locais de subsistência, não constitui argumento aceitável como supomos que é. Seria repetir um lugar comum dizer que tais construções monumentais exigem sedentarização que só a agricultura permite; mas acrescentamos que as inumações colectivas, nesta anta como nas outras deste concelho já estudadas, são mais um argumento a favor da estabilidade ou da continuidade destas populações.

(1) G. e V. Leisner, *idem*. pág. 113. G. Leisner, «A Cultura Eneolítica do Sul de Espanha e as suas relações com Portugal», Lisboa, 1945.

(2) G. e V. Leisner, *op. cit.*, págs. 149-150 e 177.

(3) Um lavrador da região referiu-nos que numa propriedade sua em que meteu vinha, se encontraram mesmo grupos de cistas dispostas em raio a partir de um esteio de granito semelhante aos das antas, cistas construídas com lajes de xisto muitas das quais vimos a pavimentarem um caminho.

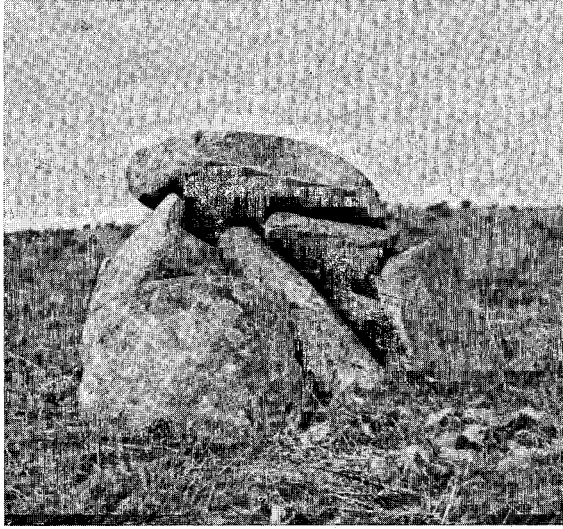


Fig. 1—*Aspecto inicial. Lado Sul.*



Fig. 2—*Aspecto após a escavação. Lado Nascente.*

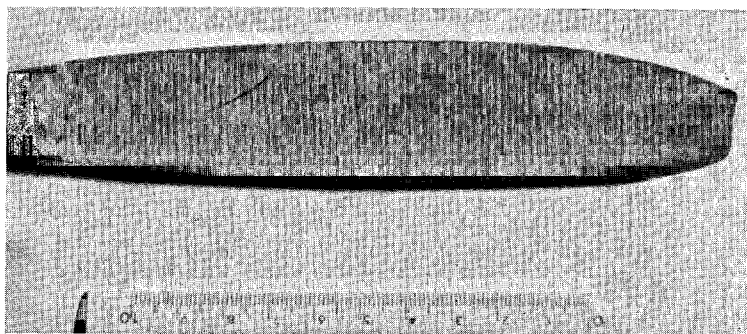


Fig. 3—*Goiva de xisto*

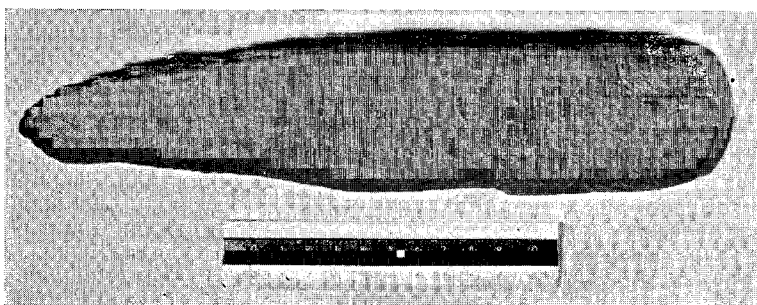


Fig. 4—*Alvião de xisto*

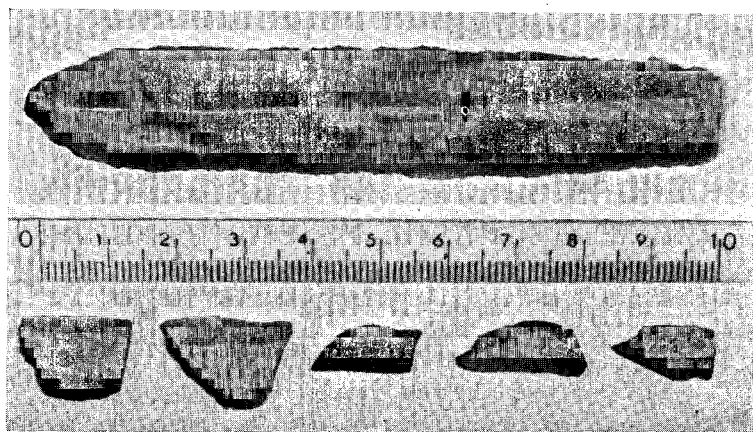
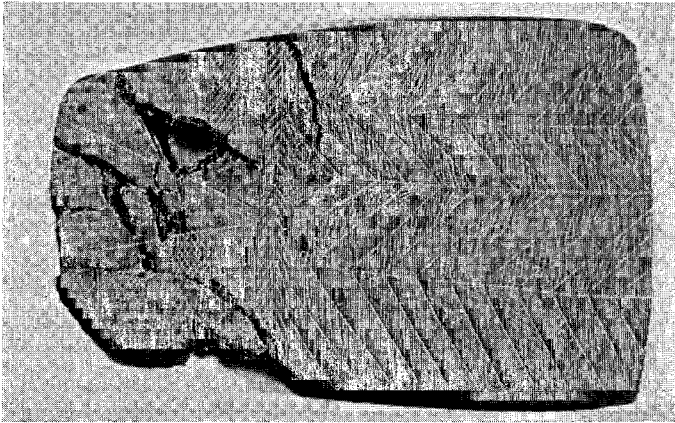
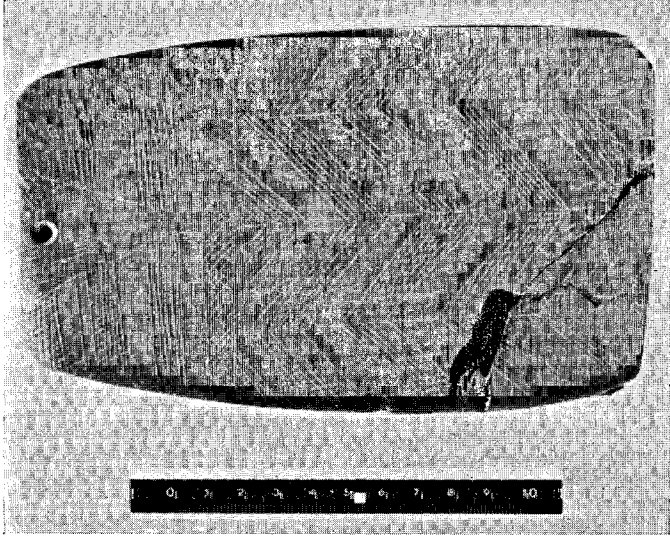


Fig. 5 e 6—*Faca de sílex e fragmentos microlíticos*



Figs. 7 e 8—Placas de xisto com gravura

Est. IV

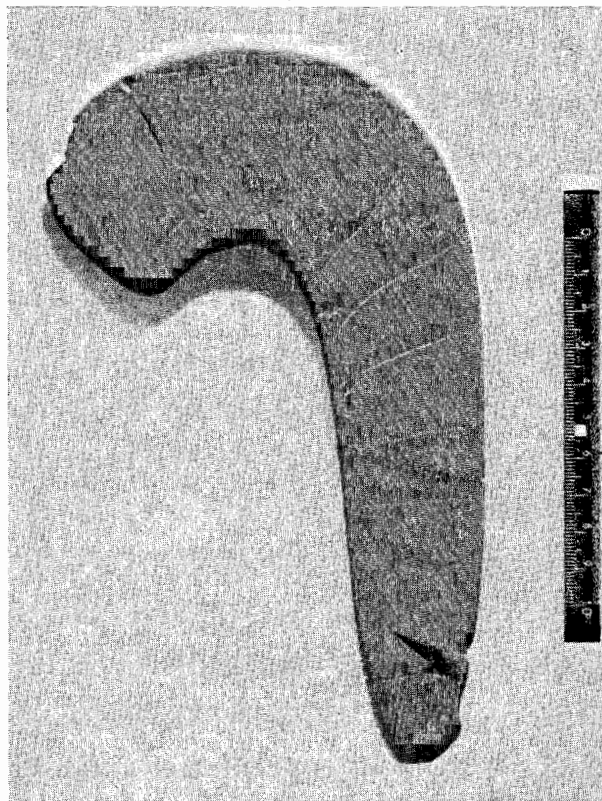


Fig. 9—*Báculo de xisto*

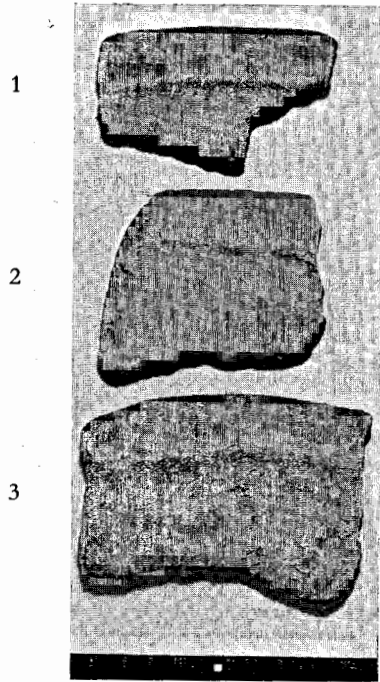


Fig. 10

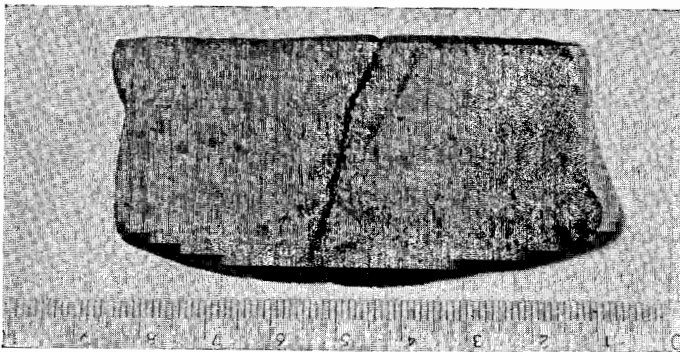


Fig. 11

Est. VI

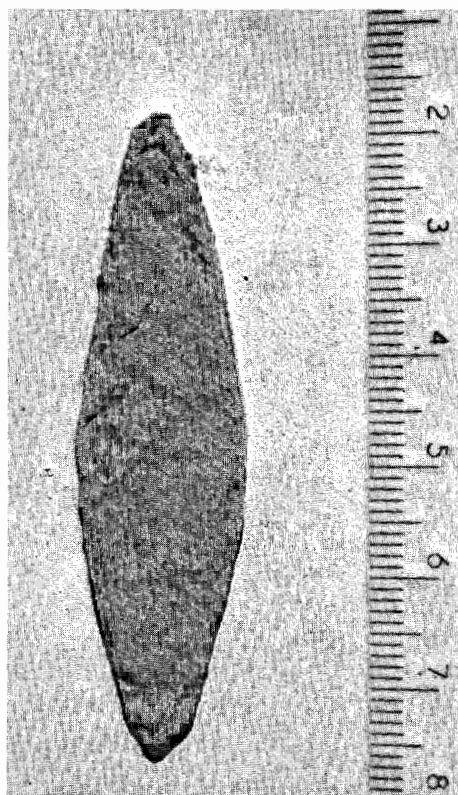


Fig. 12—*Ponta de cobre lanceolada*